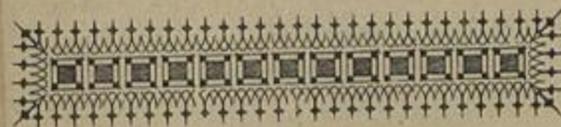
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.° á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.° Anno — XXII Volume — N.° 733

10 DE MAIO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Se tantas alegrias não haviam de ter seu reverso!

A batalha das flores em Lisboa, o centenario da Sebenta em Coimbra, o grande cortejo dos operarios no dia um de maio, foram festas faladas, occuparam em longos artigos as primeiras columnas dos mesmos jornaes, que enormes cruzes, emmolduradas em negro, mancharam tristemente na ultima pagina.

Mas não faltou quem andasse alegre. Os homens são esquecidos e imprevidentes.

Nunca batalha de flores houve tão bella como a d'este anno, que nunca assim tão formosa primavera se mostrou em opulencias de céo mais quente, em mais copadas verduras. Coimbra, onde abril faz desabrochar lendarias flores, onde ha mil cantos de rouxinoes, e onde flores e cantos tanto brilham na natureza como nas almas, alegrou-se infinitamente n'uma comedia a que não faltaram notas cheias de ternura. Um bello céo illuminou o cortejo dos operarios pela Avenida acima, na sua festa annual, aquecendo-lhes as esperanças.

As sociedades ricas, a santa mocidade despreoccupada, o pobre que um dia quer alegrar os pulmões com haustos de ar puro, todos tiveram sua vez para beber na taça doirada e scintillante a luz maravilhosa, que entorna alegria nas veias, que enche os corações, que inebria os cerebros.

Porque ha de haver uma balança, tudo pesando em braços tão desiguaes, que precise o peso d'um pequenino diamante iriado equilibral-o com tantas lagrimas, tantas dôres, tantas angustias e tanta saudade?

Que tristeza a dos homens se não foram esquecidos, se não foram, sobretudo, imprevidentes!

O lento dobrar d'um sino grave em meio de tantas caprichosas volatas d'aves amorosas, a onda sonora vastissima alargando-se, com a solemnidade de quem vai espalhando verdades, e quebrando os fiosinhos dos perfumes evolados de cada flor ao céo azul, aquelles annuncios da morte vieram nos olhos apagar o ultimo clarão d'um riso, nas bocas os derradeiros estridores d'uma gargalhada.

Manuel Bento de Sousa e Frederico Biester foram os primeiros, que, com numeroso acompanhamento, abriram essas marchas funebres para os cemiterios. O primeiro era um homem illustre da sciencia, honra da medicina portugueza; o outro um riquissimo negociante, philantropo emerito.

Colheu-os a morte ao cabo d'uma vida muito cheia. Seus passos, d'um e d'ontro, marcaram fundo seu caminho.

Não succede o mesmo a todos. Na areia sequinhosa e subtil o vento depressa desfaz a pegada d'uma avesinha, que mal se demorou na terra, que bateu as azas apenas viu a aurora, e ao céo foi pedir lhe tingisse as pennas com a poeira preciosa das finas pedras do oriente. Mas não ha vida por mais curta, que não deixe na passagem um perfume ás saudades. Almas que se amaram, o laço que as atava cria forças ao dilatar-se Não servem para os espiritos as leis da materia. Do céo, tão longe, a claridade etherea d'umas roupas immaculadas refrange-se nas lagrimas, como perolas, d'uma alma que chora na escuridão da viuvez.

A arte-refugio consolará João Galhardo nas saudades d'uma esposa querida.

As velhinhas tambem lembram os passarinhos. É que ellas precisam nos ultimos dias de quem lhes cuide do ninho, de quem lhes aconchegue as pennas macias, de quem lhes afaste das cabecinhas brancas, quando caem desfallecidas de somno, brandamente, sobre os peitos, cuidados que dão máos sonhos, nuvens que toldam o occidente em que vão mergulhar os astros bemditos, no fim da carreira, mães que abençoaram os fi-

MANOEL BENTO DE SOUSA — FALLECIDO EM 29 DE ABRIL DE 1899

lhos pequeninos, que os filhos homens abençoam.

As mães velhinhas, quando deixam frio o ninho de pennas em que dormiam, bafejadas pelas caricias dos filhos, ficam entretanto ainda vivendo dentro dos corações onde as saudades moram. O amor eternisa as vidas na terra.

Mas que dôr a da separação! Que maior tristeza que ver correr lagrimas, pasmadas d'aquelle caminho nas faces, em pregas que só o riso havia aberto?

E foi o caso que se deu, ha poucos dias, com o nosso querido Valle!

Tanta morte sentida em dias tão breves!

Manuel Bento de Sousa, que por muitos annos exercêra o logar de professor na Escola Medica de Lisboa, era altamente considerado por todos os collegas e possuia um dos nomes mais prestigiosos na medicina em Portugal. Escriptor distincto, homem de sciencia, clinico auctorisadissimo, deixou um nome respeitado por todos e, em varias publicações de muito diversa natureza, a prova incontestavel do direito a esse respeito unanime.

Frederico Biester era muito conhecido na alta sociedade portugueza a quem se achava ligado pelos laços de parentesco e pelas sympathias que a todos inspirava o seu espirito cheio de delicadezas, sua alma cheia de bondade, o seu caracter generoso. Perfeito cavalheiro, na accepção boa e pouco vulgar da palavra, possuidor de uma fortuna excepcional, nunca um vislumbre de vã soberba veio empanar o brilho da virtude com que, pelos pobres, pelos desgraçados, soube distribuir o que a Providencia, que d'esta vez bem merece o nome, depoz nas suas mãos tanta vez abençoadas. Cumpriu um dever na vida e honra maior não cabe a ninguem.

Sua viuva inconsolavel, ferida por uma série de desgostos de que o ultimo não seria o menor, gosa d'este balsamo na dôr, com que Deus bem mostra sua mão consoladora: o nome que herdou dos seus, o que seu marido lega, casam-os mil vezes as bençãos que o céo escuta.

Andam os seculos, o progresso dá passos gigantes, mas só com respeito á morte não querem mudar os logares communs. As velhas antitheses continuam sem rugas e sem cabellos brancos. Tão novas são hoje certas verdades como o foram n'aquelles tempos em que a egualdade, perante a morte, da choupana dos pobres e do palacio dos ricos começou a ser cantada pelas bocas de todos. Mas outra egualdade ainda é mais notavel, mais espantosa, monstruosa iamos escrevendo. Novos e velhos são eguaes para a morte. Por isso no mesmo dia abraçámos, com poucos minutos de intervallo, o viuvo que chorava a esposa querida que, na flor da edade, um anjo lhe roubára, e o pobre filho que, chorando a mãe, ainda tinha talvez nos cabellos, que começa branqueando, o lustre dos beijos d'uns labios tremulos de velhice.

Galhardo e Valle, um pintor que tanta vez se enthusiasmou pelas galas da natureza e um actor que tem o dom de descerrar as bocas mais renitentes e pregadas em gargalhadas boas, elles, para quem a vida devia ser toda luminosa, um nevoeiro apagou-lhes no mesmo dia, os astros de cuja luz viviam, em que medravam, em que davam suas flores de natureza tão diversa, seus fructos, que aos astros offereciam em oblação d'amor, que Deus manda, que Deus quer.

Corações de artistas, corações que sentem dobrado, porque sentem além do presente, porque gostam de cultivar a dôr, bem differentes foram os golpes que os feriram, bem similhantes as lagrimas.

Mas a morte quiz tambem um d'estes dias envolver-se no manto da tragedia e uma noticia horrorosa correu pela cidade.

A machina d'um comboio em Algés, cortou a cabeça a um desgraçado velho, Oliveira Duarte, alto funccionario na direcção do Banco de Portugal.

Sahira de casa em passeio, para respirar um pouco d'ar, refrescar os pulmões cançados, aliviar a cabeça que os muitos trabalhos de cifras já fatigavam. E o tropego octogenario ainda conheceu o perigo, viu o monstro de ferro correndo sobre elle. As pernas cançadas não puderam transportal-o para além da linha... Um horror!

Quantos lutos n'estes ultimos dias, quanta tristeza envolvendo as almas!

É primavera. Os cemiterios estão cheios de flores; no emmaranhado dos ciprestres escondem-se ninhos. As rosas trepadeiras alastram-se pelas paredes dos tumulos, recobrem-os, caem do outro lado em grandes cachos perfumados. O Tejo todo se illumina ao nascer do sol e os raios reflectidos põem tintas rosadas nos marmores brancos. O sol ao descer illumina o outro cemiterio e é na grande parede da egreja, no alto, que se despede da cidade.

Tanta alegria na natureza e tanto luto nas almas!

Umas assim hão de perceber melhor as outras, que a dôr sabe, melhor do que todos os laços, irmanal-as. Sejam egoistas á vontade as alegrias, Deus não quer que as dôres o sejam. Acolham-se umas nas outras as almas que soffrem; os que choram melhor consolam, que é alivio consolar. Juntem-se uns com outros os que sabem soffrer e sequem suas lagrimas misturando-as. Ninguem póde arrancar uma dôr que lançou fundas raizes no coração; mas póde ser prazer acalental-a, fazel-a florescer, e para isso é preciso que em troca das nossas lagrimas algumas lagrimas nos sejam refrigerio.

Não está de accordo com o mez de maio que vae correndo esta série de necrologios.

Mas porque dizel-o? Será isto assim tão verdade? Não estarão sempre de accordo comnosco as vozes misteriosas que ouvimos, quando sabemos bem ouvil-as?

Não terão para nós muita vez consolações essas alegrias exteriores tão suaves, tão melodiosas, calmantes maravilhosos para os nossos nervos excitados? É preciso sabel-as encaminhar para as almas, desembaraçando os atallhos de tropeços, aspiral-as com devoção.

Valem então as vozes das florestas mais do que os livros, como o dizia S. Bernardo: «*Aliquid amplius invenies in sylvis quam in libris.*»

Pois mais valor do que a consolação misteriosa das vozes que falam uma lingua sobrehumana, hão de ter para nós uma lagrima mal percebida n'um olhar terno, um sorriso animador n'um labio triste, uma visão rapida d'uma dôr alheia que, por um instante, quiz mostrar sympathia á nossa dôr.

João da Camara.

MANOEL BENTO DE SOUSA

Mais é para ser admirado do que para ser descripto o que, tanto na ordem material, como na moral, se impõe pela magestade da sua grandeza; e só os que tambem são grandes pelo genio conseguem traduzir na palavra, no som, na côr ou no relevo a impressão profunda e dominadora do que Deus fadou magestoso, ou do que o sublime engenho humano, emanação divina, creou fóra das normas do vulgar e trivial.

Vão lá pedir ao pegureiro, quando saúda cada manhã o astro radiante do dia, a reconhecer-lhe grato o calor benefico e o salutar influxo nos pascigos da montanha ou do prado, que lhes descreva esse facho de luz e de bençãos celestiaes, cujos mysterios só na familiaridade do telescopio os sabios conseguem desvendar!

Para elles, o sol é simplesmente o sol que, na sua magestade, se admira com acatamento quasi religioso, porque é grande, porque é fecundo, porque é bom.

Tal nos está acontecendo, ao termos, por dever de amisade, de fallar de ess'outro sol, que no firmamento da intelligencia humana brilhou com sublime esplendor e que tocou o seu occaso, no pelago frio da morte, d'onde não ha mais resurgir para o mundo em nova aurora radiosa.

Para nós, Manoel Bento, o luminar da medicina portugueza, é elle e simplesmente elle, tão grande que mal chega toda a nossa admiração para o contemplarmos e que nunca chegarão os nossos conceitos, traduzidos em palavras, para d'elle dizermos coisa que, de longe sequer, se aproxime da impressão causada no nosso espirito pela luz da sua intelligencia brilhante.

E agora que o gigante caiu prostrado, maior nos parece o seu vulto grandioso e mais nos apavora essa insondavel audacia da morte em derrubar o que, pelo culto e veneração de todos, devera ser intangivel e immortal, e com tanto pavor, nos cresce por egual no animo o da audacia de termos que dizer da sua alta estatura intellectual e moral.

Mas, n'estas mesmas columnas, quiz a amisade que acompanhassemos com palavras nossas o retrato de outra magestade scientifica; e a associação de ideas exige, pela associação de nomes immortaes, que quem commemorou, n'este jornal, a morte de Sousa Martins commemore tambem a de Manuel Bento.

É que estes dois nomes estão ligados por tantos laços maravilhosos que o menor d'elles será porventura o da intima, leal e indissoluvel amisade que em vida os uniu. É que, sendo duas individualidades caracteristicas, perfeitas, completas e inconfundiveis, tanto mais dissemelhantes se apresentavam tanto mais moralmente se estavam approximando, como que a penetrarem-se mutuamente, como que a não se poder pensar n'um sem que o outro nos acudisse logo ao pensamento, n'uma especie de binidade sagrada, em que duas pessoas distinctas constituiam uma só e unica divindade verdadeira, — a divindade do genio.

Já em tempo, quando ainda vivos ambos, occupando-nos de notaveis escriptos de um e de outro, tivemos ensejo de fazer a aproximação, d'estes dois nomes, que hoje apenas brilham, para a veneração dos sobreviventes, nas paginas de ouro da historia da nossa medicina contemporanea.

Diziamos então:

«Ils ont été, tous les deux, les compagnons inséparables dans toutes les luttes scientifiques, livrées depuis long-temps, ils sont à l'envi les amis dévoués et ce qui est bien plus rare encore, les amis fidèles.

«Tous deux jouissent d'une haute renommée et d'une autorité hors ligne. Tous deux se rangent parmi l'élite des médecins portugais.

«Au point de vue moral et intellectuel, les deux savants professeurs se ressemblent à cela près: l'un, mr. de Sousa Martins, quoiqu'il soit un écrivain très distingué, parle bien mieux qu'il n'écrit, l'autre, mr. Manoel Bento, quoiqu'il soit un orateur très apprécié, écrit bien mieux qu'il ne parle. L'un a une éloquence saisissante, l'autre se dépasse lui-même la plume à la main.

«D'ailleurs l'un c'est l'enthousiasme, l'autre c'est le calme, l'un est mince et délicat, l'autre, grand et bien bâti; l'un a de l'élan, l'autre, de la reflexion; à celui-là tous les raffinements de la fantaisie, à celui-ci tous les dons d'un gros bon sens; l'un c'est l'esprit français, l'autre, l'*humour* anglais.»

Ha quatro annos apenas, e ambos dormem já o somno eterno!

Pois que sobre a campa de um esparzimos saudades, cumpramos egualmente o piedoso dever de espalhar humildes flôres sobre o sepulchro, apenas fechado, do outro.

Manuel Bento, o homem forte na constituição physica e ainda mais na compleição intellectual, nasceu em berço modesto e obscuro, mas quem vae perguntar ao roble altivo a sua genealogia e a sua origem, quando elle ensombra com a opulenta ramagem os pincaros da serra ou as verduras do valle? Lá n'essas regiões do Douro ou na leal cidade d'onde teve origem, como é fama, o nome eterno de Portugal, n'essa terra de fortes, como os seus granitos, viu a luz do dia esse que, trasladado em verdes annos para Lisboa, aqui fez a sua educação e aqui vecejou no esplendor inegualavel da sua robusta intelligencia.

Estudante distincto, espirito de reflexão profunda, mal o compreendiam os rapazes que com elle se sentavam nos bancos das escólas, e tinham por desvairamento de engenho ou nebulosidade de talento o que elles ainda então não sabiam compreender e apreciar.

Clinico, operador, chamado ao professorado, que soubera conquistar em brilhantes provas de concurso, cresceu no conceito unanime e impoz-se á geral admiração, pela opulencia do seu saber, pela robustez do seu criterio, pela clara e facil exposição da sua doutrina, pela dedução logica da sua argumentação e até pela vernaculidade do seu dizer, que, se muito era, fallado, mais se aprimorava na escripta.

Espirito caustico, sem azedume, com a generosidade que só os grandes podem e sabem ter, manejava finamente a ironia e era n'esse campo, como em todos, um adversario de temer, adversario tão potente pelos recursos intellectuaes, como seguro pela lealdade do caracter.

E se, vencedor, não abusava da victoria para humilhar quem com elle terçava as armas em campo desegual, tambem não recusava as honras de combate aos que conseguiam com elle sustentar a peleja sem desaire; mas, se o feriam á traição, era temivel e inexoravel, e como que as potencias do seu intellecto centuplicavam de agudeza e intensidade para flagellar o adversario audaz.

Sorrindo-lhe prospera a fortuna e despido de ambições, cedo, muito cedo, pôz ponto á sua gloriosa carreira de professor, e depois da jubilação, retirou-se egualmente da actividade do serviço clinico, que ficou sendo para elle apenas o encargo de vêr amigos muito intimos ou de dar o seu auctorisado voto em casos obscuros e difficeis, quando qualquer, amigo ou estranho, lhe pedia essa esmola de humanidade a favor de algum doente.

E então o antigo e profundo medico reapparecia em todo o seu brilho, na sciencia de firmar o diagnostico, de o differenciar entre todas as hypotheses possiveis, de deduzir d'elle a indicação therapeutica e com ella a previsão do prognostico.

Fóra d'esses, ainda assim não raros, lances de clinica de favor, Manuel Bento vivia para a familia, para os seus cuidados de agricultor em Azeitão e para o convivio dos livros, tendo horas de ocio para consagrar ás coisas litterarias, ou sabendo dar o realce da fórma a estudos scientificos, como os que n'um jornal publicou sob o pseudonimo de *Manuel Bonté*, e depois colligiu em volume, ácerca da psychose do rei D. Sebastião.

Alheio systematicamente á politica partidaria, muitas vezes o seu conselho sabio foi pedido pelos ministros de todos os partidos sobre questões de saude publica; e o ultimo e largo serviço que prestou foi em 1894, quando, com outros professores, foi aggregado á junta consultiva de saude, para tratar da epidemia, que então se estendera sobre Lisboa, tão benigna quão generalisada.

Se os discursos de Sousa Martins, n'essa reunião de medicos, inflammavam pelo ardor da sua brilhante oratoria tribunicia, os de Manoel Bento abalavam as convicções mais profundas pela justeza e energia da argumentação cerrada; e ahi, onde não houve vencedores nem vencidos, provou elle, a par da sua superior intelligencia e saber, a sua forte dedicação pelo serviço publico, sendo de todos os documentos o mais caracteristico aquelle estudo paciente e fatigante, a que se entregou para conhecer todos os pontos de possivel inquinamento das aguas do Alviella, bem como das de outras origens que abastecem a cidade.

Conhecemos, e mais uma vez o confessamos, que para esboçar sequer tão grandioso vulto seria mister a alteza de um talento como o d'elle, provado no elogio historico do finado professor Antonio Maria Barbosa, em que, além da justa apreciação d'este grande cirurgião portuguez, se desenhavam, a traços largos, mas caracteristicos e rigorosos, todos os mais celebres vultos da escola medico-cirurgica e da clinica operatoria.

Aquelle é o seu trabalho monumental e que basta para lhe aquilatar a valia. Tambem foi o seu derradeiro trabalho de litteratura scientifica.

Os annos corriam, mas a robustez do corpo e do espirito parecia arffontal-os impavida. Só o animo varonil não estava preparado para um rude golpe, que a má fortuna lhe devia vibrar á traição.

A santa e boa companheira dos seus dias felizes, a feiticeira divina, que enchia de encanto o lar domestico, e que em effluvios de maternal amor educava os filhos seus, essa illustre senhora que ligára o seu destino ao de Manuel Bento, caiu enferma, e o olho experimentado do medico viu mais que duvidoso o prognostico.

A alma do marido adoeceu primeiro do que o corpo, n'esse golpe que lhe ameaçava roubar a companheira. Veiu a sua morte, e então o espirito de Manuel Bento morreu alli, no mesmo instante e do mesmo golpe. O resto foi facil tarefa á doença que o prostrou. Aniquillado pela dôr o que havia de immaterial e sublime no homem, o seu involucro não poude resistir á doença, e aquella preciosa existencia, abraçada aos preceitos da religião, teve o seu termo no dia 29 de abril.

Eram aquelles 63 annos de edade um formoso outono, de sazonados fructos, entre os quaes brilhavam primaveris flôres de affectos e de crenças.

Talentoso, sabio e bom de caracter e de coração, engrandeceu-o o prestigio sublime da morte; e o seu nome, esse nome plebeu como elle o queria e usava, sem appellido, aquelle nome por que todos o conheciam e o sabiam apreciar, o nome de Manuel Bento, passa á posteridade, aureolado de esplendores, cercado de admirações e de benções de amigos e collegas, de discipulos e clientes, e, mais do que tudo isso, venerado pela gratidão e bem-querença da patria portugueza que elle tão bem e tão lealmente serviu.

C. B.

A BATALHA DE FLORES

A graciosissima festa floral que se realisou no ultimo domingo do mez findo na grande Avenida da Liberdade, de Lisboa, foi uma diversão encantadora e tão digna dos seus illustres promotores como do publico da primeira cidade do reino, que a ella occorreu com enthusiasmo, associando-se pressurosamente á diversão.

Desde os primeiros preparativos que logo se agourou um bello exito a esta festa, pois que se via entregue a sua direcção a um cavalheiro, cujo talento e operoso caracter tinham já offerecido provas de sobejo em outras festas publicas e de caridade. E, a seu lado, o nome nobilissimo de uma prestigiosa dama da mais elevada categoria augmentava essa certeza, que depois se transformou na mais solemne affirmativa de quanto pode fructificar uma boa ideia, como a de transformar as nossas formosas flôres em abençoado pão.

É sabido que a batalha de flôres realisada em 30 de abril ultimo era em favor de uma instituição utilissima, que á população da capital presta relevantes e indiscutiveis serviços — as *Cozinhas Economicas*, sociedade beneficente, a cuja direcção pertence a ex.ma sr.a duqueza de Palmella, de que publicamos o retrato, e dama de tão elevada nobreza d'alma e coração como a da sua stirpe fidalga.

Inquestionavelmente esta batalha de flôres teve um exito muito digno de registo. Concorreram a ella muitos carros lindamente enfeitados, revelando o aprimorado gosto de quem os ornamentou.

A decoração da Avenida, entregue aos cuidados de um talentoso architecto, o sr. Rozendo Carvalheira, apresentava um aspecto novo, distincto, original e de surprehendente effeito. A entrada, entre os dois primeiros talhões, via-se um grande e artistico portão de madeira, por onde tinham ingresso as carruagens. Aos lados, fechando o recinto erguia-se um gradeamento imitando bronze. Para além do monumento estendia-se uma longa fiada de alterosos mastros coroados de flôres, uns com guarda sóes abrindo a meio da haste, outros de feitios caprichosos e enterrados em enormes vasos imitando louça. Todo o recinto se achava vedado por uma palissada de toros de madeira tosca, e de arvore para arvore ligavam-se finos cordões de verdura.

A affluencia, essa então foi extraordinaria. De fóra de Lisboa, os comboios trouxeram á capital mais de quarenta mil pessoas. A multidão variegada, communicativa e impaciente, offerecia um quadro cheio de colorido e animação. As musicas, em grande numero, accordavam na atmosphera um ruido de festa que se casava docemente com o aroma penetrante das mil flôres, dos açafates e cestinhos, dos ramos e das grinaldas que adornavam os carros desde as rodas até ás lanternas. As flôres mais finas e caras se ostentavam no collo das damas e na lapella dos cavalheiros, impregnando, saturando até, o ambiente com o perfume maviosissimo das rozas de tantas côres differentes e tão variados matizes, que só tinham egual na alacridade do conjuncto dos vestidos esplendorosos de côres claras que a entrada da primavera tornava obrigatorios e envolvia em diaphanas ondas de tecidos leves os bustos mimosos das senhoras e das meninas, cheias de pura alegria da sua juventude, e da graça da sua formosura.

Todas estas gentilissimas damas espargiam com gracioso e certeiro arremesso as lindas flôres, que guardaram no regaço até que principiasse, com a chegada de suas magestades o acceso da batalha.

Quizeramos ter o poder da evocação, para aqui suggerirmos, ao leitor que não presenciou a brilhante festa, toda a magia d'ella, todo o deslumbramento que lhe deu o conjuncto das mais felizes circumstancias, de um dia de sol, de alegria nos ares, do movimento phrenetico da multidão, e de uma extraordinaria concorrencia de carruagens ornamentadas, conduzindo buliçosos grupos de jovens e senhoras.

Os cyclistas, com as suas machinas artisticamente decoradas, e os militares, com as suas fardas de côres vivas, completavam aquelle animadissimo scenario, que mais parecia uma vista de kaleidoscopo do que um quadro da vida real.

Entre as carruagens que em quatro longas filas percorreram a Avenida durante a batalha de flôres, mencionaremos aquellas que mais se destacavam pela arte e belleza da sua decoração.

A do sr. conde de Burnay, familia e pessoas de suas relações. Um grande carro «Ripert» com imperial, artisticamente enfeitado com flôres diversas, guiado pelo sr. Carlos Krus. Era tirado por cinco muares com ricos arreios.

A do sr. commendador Nicolau Pinto, que era uma das mais bonitas e ricas equipagens que se apresentaram, revelando um subido bom gosto na decoração. Era ella um magnifico caleche á *Daumont*, ornado de finissimas flôres e de preciosas colchas da India bordadas a matiz, indo os creados com fardas côr de esmeralda e cabelleiras empoadas. N'esta carruagem tomavam logar, além da familia do sr. commendador a filha do sr. conselheiro Matheus dos Santos.

A de D. Angelina Pinto Leite e filhos; carro formando um grande açafate ornamentado de espigas de trigo e papoulas, encimado por um laço amarello.

Um lindo carrinho, tirado por um burro e formando em flôres um formoso cysne, dentro do qual iam tres crianças, filhas de madame Castanheta, que seguia na frente, n'uma carruagem tambem enfeitada com flôres differentes.

A do sr. ministro da Allemanha, com os arreios dos cavallos lindamente enfeitados com mimosas flôres azues, levando as lanternas enfeitadas com flôres eguaes.

A de D. Isabel O'Neill, lindamente enfeitada com flôres diversas, produzindo bello effeito.

O carro dos officiaes de artilheria n.º 1, artisticamente enfeitado com flôres, tropheus e instrumentos bellicos, puxado por tres tiros de muares. Além d'este carro, seguia-se outro mais pequeno, egualmente muito bem enfeitado seguidos por varios officiaes a cavallo.

A do sr. Eduardo, do Campo de Santa Clara, tambem lindamente enfeitada com varias especies de flôres.

O do sr. commendador Pereira Junior, da Junqueira, todo enfeitado, bem como os cavallos, com hortenses de papel de seda azul e branco, produzindo bello effeito.

A carruagem dos duques de Palmella, delicadamente enfeitada com flôres das mais finas e mimosas.

O carro da Sociedade Nacional de Horticultura, lindo e artisticamente decorado, e tambem um dos melhores que se apresentaram na Avenida. Era encimado por uma larga fita atravessada, com a legenda da sociedade.

A carruagem dos srs. marquezes do Fayal profusamente enfeitada com muitas flôres, predominando as rosas. E tambem apontada como uma das mais bellas.

Carruagem de D. Laura Ferreira Pinto Basto e filhas, elegantemente enfeitada com flôres diversas.

A charrette do sr. conde de Sabugosa e filha enfeitada lindamente com flôres de varias qualidades.

O caro de Sottomayor e familia, todo enfeitado com rosas e outras flôres.

A carruagem da sr.a condessa de Gouveia; um dos carros mais bonitos que appareceram. Era acompanhada pela esposa do sr. Jorge Sabugosa.

A carruagem das filhas dos srs. condes de Azambuja, com flôres e riquissimas colchas.

A da sr.a duqueza e condessa d'Avila, egualmente muito bem enfeitada com lindissimas flôres.

A de D. Palmira Feijão, conduzindo cinco damas trajando de branco. A sua decoração era deveras primorosa, predominando as rosas.

Um carrinho primorosamente enfeitado de flôres com umas lindas creanças da familia Carvalho Monteiro. Além d'estas carruagens, apresentou se na batalha, causando sensação, o *automovel* do sr. Urquijo, fidalgo hespanhol, conduzindo tambem as duas filhas do sr. Olasabal.

O *automovel* formava um brigue, todo de flôres diversas, correcta e artisticamente confeccionado. O novo carro de locomoção regulava perfeitamente o seu andamento e parava de repente quando era preciso, dando as voltas com a maior facilidade.

Ao terminar a batalha fôram distribuidos os premios, que couberam ás seguintes equipagens:

Primeiro premio, ao carro da familia Pinto Leite; 2.º automovel, do sr. D. Julio Urquijo; 3.º, ao carro do sr. Street Coupers; 4.º, ao do sr. Castanheta; 5.º, ao do sr. Sotto Mayor; 6.º, ao do sr. conde Cunha Mattos; 7.º, ao do sr. conselheiro José Luciano de Castro; 8.º, ao do sr. Eduardo, com estabelecimento de carruagens no Campo de Santa Clara; 9.º e 10.º aos dois carros de artilharia 1; 11.º, ao do sr. conde de Burnay; 12.º, ao do sr. dr. Feijão; 13.º ao do sr. ministro da Allemanha; 14.º ao do sr. Mayer; 15.º, ao do sr. infante D Affonso; 16.º, ao da sr.a duqueza d'Avila; 17.º, ao do sr. Anjos, filho do sr. Polycarpo Anjos; 18.º, ao da Sociedade Nacional de Agricultura; 19.º, ao da sr.a viscondessa da Varzea; 20.º, ao do sr. conde do Alto Mearim; 21.º, ao da sr.a D. Isabel O Neil; 22.º, ao sr. José Joaquim Rodrigues.

Entre os cyclistas que se apresentaram foram premiados os srs.: Carlos Affonso Vianna, José Affonso Vianna, Luiz Rembado, Eduardo Romero, José Franck, Octavio Leitão, Julio Nobre, Francisco Cesar de Jesus; e Julio Maximo Correia, Guilherme Hall, João Sequeira e Gomes Leite, que montavam *tandems*.

Um dos *tandems* que ia ornamentado com mais gosto era, innegavelmente, o que era montado pelo sr. Frederico Ferreira Pinto Bastos e por um outro *sportman* muito novo, que graciosamente trajava de dama. Este *tandem* não foi premiado por haver no jury um membro da mesma familia.

O decahir da tarde, que sobre aquella multidão enorme ia desdobrando o denso véo do crepus-

A BATALHA DE FLORES

DUQUEZA DE PALMELLA

culo, foi o signal da debandada, e então tinha o seu quê de phantastico o dispersar d'aquelle formigueiro humano, agitando-se irrequieto, na meia luz da transição para a noite.

Era já noite fechada e ainda a multidão enchia as ruas proximas da Avenida, estacionando para vêr e commentar as ultimas equipagens que retiravam e relembrar um ou outro episodio interessante, que os houve ás dezenas, não sendo o menos geral o de que as duas rainhas, e as principaes senhoras da fidalguia atiravam mais flôres para o povo do que as trocavam com as carruagens das filas. Soube-se achar uma nota captivante que impressionou gratamente um grande numero de espectadores.

Não queremos fechar esta despretenciosa resenha da encantadora festa, sem aqui registar os merecidos louvores, ao illustre director d'ella, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, felicitando-o pelo brilhantismo obtido e honrando as nossas paginas com o seu retrato.

P.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado do n.º 732)

II

Quando calculou que o grupo dos pedintes iria estrada em fora, longe daquella maldita e negra cova de ferreiros, pediu licença pâra uma necessária saída ao quinchôso, e saltando de socalco em socalco, ligeiro como os passaritos, que êlle costumava perseguir, deitou-se a corrêr em demanda da desconhecida caravana.

Bem depressa lhe avistou as figuras: um cego realmente cego, outro que o não era, um côxo fingido, o indispensavel burro bagageiro e um rapazola zanaga e atoleimado, ageitadôr dos taleigos e víveres, tangedôr da alimária e aflautado tiple da companhia.

Quando Joãosito se acercou daquella gente, e lhe falou, a sua voz tremia de fadiga e comoção; o que o não privou de engendrar a historiêta, que ia decidir da sua negra vida.

Era um orfão sem pae nem mãe; o seu encanto sería corrêr terras, e vêr mundo; não tinha emprêgo, nem parentes, que lh'o procurassem; vinha ali oferecêr-se pâra que o levassem, que êlle não queria, nem desejava outra vida.

—E sabes tu cantar, rapaz?—perguntou o pseudo-aleijado, gostando de vêr o ar de espertêza do ladino garôto.

—Sei, sei, sim senhôr. Canto o fado e...

—Parece-me bom arranjo o diabo do fedêlho—comunicou o côxo ao cego.

—Pôis que venha—respondeu êste.

E d'ahi a instantes o endiabrado Joanico da Florinda dava dois pinchos de contente, recebia uma sacola ao hombro, e lá seguia a nova orientação da sua azougada cabêça no curiôso mister de môço de cego.

Pelo caminho ensaiou-se um fado, que êlle cantou na povoação mais próxima, a contento de pedintes e ouvintes.

O resto da tarde e o dia seguinte, passada a noite num palheiro das cercanias, fôram empregues na visita aos lugares mais arredados, voltando o bando a aproximar-se da villa da Feira, que deixaria de manhã pâra seguir caminho opôsto.

Ao passar por um casal das vizinhanças, já o luar inundava a paizagem, que era formosa e rumorijante pelo tráfego das colheitas em época estival, como era a de então.

Numa êira próxima, tumultuava uma pouca de gente, que se acocorava á roda de um montão de espigas de milho pâra uma descamisada, que pelo gargalhar de rapazes e raparigas prometia decorrêr alegre.

—E se nós fôssemos alí tocar e cantar um bocado?—aventou o cego.

—E p'ra que?—tartamudeou o côxo, que, fingido em tudo, sentia embaraços na lingua pelo vinho ingerido numa tasca, onde fôra a título de comprar cigarros.

—P'ra que, heim? Podiamos ganhar a ceia, e dormir regalados na palha da êira.

—Lá isso é verdade—acrescentou o tiple zanaga, cubiçôso de se divertir, e aliviar da caminhada.

—Isto é muito bôa gente—concluiu o Joãosito com vivacidade, agradando-lhe não entrar na villa, onde podia sêr reconhecido.

Amarrado o burro ao cercado do quinchôso, em lugar onde podesse sêr visto, lá caminharam os pedintes muito afaveis e cumprimentadôres a oferecêr os seus serviços pessoaes e artisticos, que fôram aceitos, com grande gáudio da rapaziada presente.

Joãosito, parecendo-lhe vêr gente conhecida, por cautela, tomou lugar á rectaguarda do bando, que logo á entrada e a pedido geral se preparara pâra dizêr do seu oficio.

Iam começar pelo nôvo fado.

—Chega-te p'ra *deente*, rapaz!—ordenou o côxo ao transfuga, virando-se pâra traz, e impelindo-o por um braço.

O creançola não gostou da ordem, nem do apertão, mâs encheu-se de coragem, andou pâra a frente, carregou o chapeu pâra os olhos, a vêr se encobria o rôsto, e *botou* larga cantiga, com tôdo o desembaraço.

Pobre dêlle! Joãosito punha, e repunha, mâs Deus dispunha.

A certa altura, as filhas do dono da êira, depôis de mirar o rapaz, benzendo-se com ambas as mãos, cochicharam com o pae; e êste, fazendo pala da mão direita, abismou-se por sua vêz, exclamando:

—Olhem quem êlle é... Valha-te Barzabú! Olhem quem êlle é... o Joanico da Florinda!

E agarrou-o pela jaleca.

A assemblêa desfêz-se em risadas, mâs o honrado lavradôr, gesticulando indignado, ameaçava os pedintes de os ir denunciar ao regedôr, como desencaminhadôres de creanças pâra o seu oficio de ralaços e mandriões.

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

A BATALHA DE FLORES

ASPECTO DA AVENIDA DA LIBERDADE DURANTE A BATALHA DE FLORES

(Copia de uma photographia do sr. Bobone)

Os acusados requereram misericordia, contando o caso como fôra; e Joãosito, que já sentia nas orelhas a costumada pressão das mãos paternas, dava um empuxão, a vêr se conseguia furtar-se á violencia da scena.

O lavradôr porém, que se prevenira contra as artimanhas do velhaquête, segurava-o bem, e d'ahi a instantes ia entregal-o aos paes, a quem, valha a verdade, pediu indulgencia e conformidade.

— Que remedio! — clamou Manuel da Costa, meneando a cabêça, verdadeiramente descoroçoado.

E no dia seguinte reenviava o filho á escola, onde o mestre, secundando as iras do pae, lhe aplicou uma bôa duzia de palmatoadas, menos mal merecidas.

Se ao menos o endiabrado rapaz désse pâra as letras!

Baldada tentativa! João era inteligente, mâs a vida airada, quer dizêr, a constante mudança de situação constituía uma prenda inata, que a naturêza lhe impuzera.

Por último recurso, um anno mais tarde, o nosso pequeno heroe, que já criara lenda de endemoninhado, dava entrada, como marçano, numa mercearia do Pôrto.

Alí sim: longe da familia e da terra natal, naquella escola de ferrênhos e apertados horisontes, onde os desgravatados tafues do commercio usavam jaquêta de briche e tamancos, alí, a emenda devia sêr rápida e certa.

Pâra amansar díscolos incorrigiveis, e pâra amaciar o pêllo a valdevinos, não havia como o encebado balcão e as mais untuosidades de uma bôa mercearia.

O caso foi que, d'ahi a poucos mêzes, o gordonchudo merceeiro dizia mal da sua vida, porque o rapaz não tinha préstimo pâra coisa nenhuma: não acordava ás horas do serviço, tosquenejava durante o dia, entornava a talha das azeitônas, besuntava a cara dos companheiros com manteiga, e procurava divertir-se em vêz de trabalhar.

Um diabo, que não podia têr bom fim! Por sua parte, o João resolvêra nova mudança, e, fiado na proteção gazalhadôra da mãe, que o havia de livrar da maior durêza do castigo, abandonou uma bella manhã o balcão da mercearia, sem dizêr adeus a ninguem.

Despreocupado que ia no intuito de matar saudades da familia, não deu pela sua falta absoluta de dinheiro, e só se lembrou, á entrada da ponte, de que não tinha os cinco réis da passagem.

E ahi está como, pela miséria de cinco réis, se obscurecia o ideal de um esperançôso mancebo de 12 annos!

Desventurado João! A malucar na sua vida, foi sentar-se á borda do caminho sôbre o relveiro.

Elle nada sabia de destinos, se não uma voz secreta lhe diria que, assim como ao menino e ao borracho Deus lhes põe a mão por baixo, o acaso é tido como protectôr encartado dos estroinas.

D'alí a instantes, uma mulher, com uma césta de roupa á cabêça, caminhava ponte fora, defrontava-se com êlle, e, depois de o observar detidamente, exclamava cariciante:

— Olhem o Joãosinho! Então que diabrura temos nós agora?

Era uma antiga serventuaria dos paes, uma bôa alma, que já lhe conhecia as manhas, e que lhe depunha nas mãos os 5 réis salvadôres.

Pâra ganhar o tempo perdido, o rapaz deitou-se a corrêr até que se viu fora dos limites da cidade.

A jornada porêm seria longa, a noite viria surprehendêl-o em caminho; o suor escorria-lhe da testa e as pernas requeriam descanso.

Atirou comsigo pâra uma alfombra de relva, á beira da estrada, e têve muita inveja dos caminheiros, que conduziam animaes de carga, indo comodamente montados ou estendidos sôbre os carros.

Depois de algum tempo, pensou que podia pedir condução ao primeiro carro, que jornadeasse pâra as bandas do seu destino.

A êste tempo, passavam, em sentido contrário, uns burriqueiros, vendedôres ambulantes e expositôres de feiras, aos quaes chamam tendeiros.

Iam a conversar, e atentaram no rapaz, que os ficou seguindo com a vista, deitado sôbre a relva, cotovêlos fincados no chão e cabêça apoiada entre as mãos, na posição, que tantas vêzes usara nos tempos, ditosos tempos! em que armava aos pássaros.

Um dos homens, já a consideravel distancia, depois de gesticular muito, mexeu e remexeu nos bolsos das calças e do colête, parecendo ao Joãosito que nêsses momentos alguma coisa caíra na estrada, sem que o sujeito désse por isso.

Era uma coisa branca... lusidia... algum botão dos alamares da jaquêta, sem dúvida.

E o rapaz não se mexeu, importando-se pouco com o caso, até que os homens desaparecêram na linha estrema do horisonte.

Então voltou a pensar no assumto, e, impelido por uma certa curiosidade, levantou-se, e correu pâra o sítio, onde lhe parecêra que o objecto caira.

Impelia-o a Providencia dos desmiolados, o acaso, que vinha em seu auxilio, e que podia fornecêr uma bôa página a um romance, em que se ia tornando a sua vida aventureira.

João, ao encontrar muito bem pôsto na estrada e apenas salpicado de poeira um bonito cruzado nôvo.. um pinto, não podia, com razão, acreditar em tamanha fortuna.

Deu quatro cambalhotas de gaúdio, e meteu pernas ao caminho, depois de assentar no aplicação de tão elevada riquêza, que êlle mirava e remirava, como que pâra acreditar bem no que via.

Atraz dêlle, começaram a tilintar os guisos de um macho, guiado por almocreve, que cantarolava, caminhando a passo cadenciado, e levando a comprida rédea lançada, como é costume, quando o animal é manso, sôbre o hombro direito.

O macho seguia-o, como se fôra um cão.

— Olé, rapazola! *Indas* que eu mal *progunte* p'ra onde é que vaes?

— P'ra villa da Feira. E vocemecê?

— Eu tambem.

— Ora então muito bem, — respondeu João contentíssimo, propondo-se pâra ser conduzido no macho.

— Isso agora! Estás doido, *home?* Não vês como o macho vae cansado? Sempre me saiste um *sturdio!*

O rapaz alegou que tinha dinheiro, com que pagar, puxou do pinto, passou-o as mãos do almocreve, que se convenceu, e enterneceu logo.

D'ahi a instantes, o Joãosito escarranchava-se sôbre a carga do macho, e assim, no tempo devido, dava entrada na terra natal.

A mãe, com quem se avistou primeiro, communicou ao marido que o rapaz viera doente, em razão do trabalho pesado da mercearia portuense, cujo dono aconselhara a viagem; e que era preciso portanto dar-lhe algum tempo de folga, e cuidar-lhe da saude.

O pobre pae, bem ou mal, deu-se por convencido, especialmente por desejar que o filho se aperfeiçoasse na escrita e contas.

Uma doença porêm, e esta séria e fatal, destruia, passado algum tempo, aquêlle principal arrimo da familia: D. Florinda de Lima enviuvava, e, pelas suas circunstancias e por conselho de parentes e amigos, era obrigada a separar-se do filho, como tanta gente, destinado a ir procurar fortuna em regiões estranhas.

III

Em paiz, onde se ajuizasse, governativa e patrioticamente, dos males da emigração, seria crime o mandar creanças pâra climas tropicaes, entes ainda imprestaveis pâra o amanho da vida, párias, que, quando se não perdem ou não definham, precisam, chegados á edade viril, de voltar ao seu páiz a reconstruir a saude arruinada, justamente na época, em que podiam começar a ganhar o pão, com proveito pâra si e pâra os outros.

A negregada e amolecida orientação pública portuguêsa, no entanto, vae cuidando sempre que a opulencia de um emigrante pode substituir a ruina de milhares, e deixa dizimar populações agrícolas, onde só ha mulheres, velhos e creanças, que são depois engolidos pela mêsma voragem, que lhes levou os paes.

E sabe alguem o que é o emigrante ao abandonar a sua terra, atirado a bordo de um navio, ás vêzes como simples carga, o que sente, o que pensa e o que precisa fazêr, chegado ao solo estranho?

Costa Lima nol-o dirá, mais tarde, compulsando a sua experiencia e recordações.

Aos 13 annos de edade, em 1849, seguia êlle mar em fôra, recomendado a uma casa commercial do Rio de Janeiro, a qual lhe deu *arrumação*, como lá se diz.

O rapaz, tão irrequieto como fogôso, não mudou muito com a nova situação: garotada, que lhe ficasse a geito, não era despresada; torneira, que êlle podesse abrir, agua, que conseguisse toldar, ruma de fazendas, que sorrateiramente podesse precipitar na rua, ao passar, não ficavam sem a intervenção do seu braço.

Empregou-se, portanto, desempregou-se, uma e bastas vêzes, garotou, cresceu e trabalhou, passando-se por fim a Pernambuco, ahi com 18 annos, e, pela inconstancia do seu temperamento, no andar do tempo, seguindo pâra as provincias do norte, por onde se entretêve uns dez annos nos diferentes místeres de caixeiro, agente de industrias, caçadôr, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, corretôr de negócios, fotógrafo e até gerente de uma emprêza funerária, a que êlle se referia, sempre com muitíssima graça, chamando-se êlle próprio *gato pingado*.

Este último cargo exerceu-o êlle na Parahiba, não chegando a prefazêr quatro annos em qualquer das provincias, em que desembarcou — Pernambuco, Parahiba, Ceará, Maranhão e Pará, como nunca se demorou tempo egual em ocupação nenhuma da sua vida!

E disso se vangloriava êlle nas suas conversas, como corolário da versatilidade invencivel do seu espírito.

Sem bôa aprendizagem escolar, pouco versado em leituras uteis, desconhecedôr de determinados livros e autôres, Costa Lima tinha fraquíssimos conhecimentos literários.

Entretanto começava a poetar, e a sentir pelo teatro uma profunda inclinação, aproveitando todas as récitas de curiosos, em que podesse tomar parte, sem prejuizo de umas aventurosas caçadas, pelos matos dentro, no que se tornara destro e apaixonado.

No seu album de familia, incompleto como quasi tôdas as suas coisas, encontramos três poesias, publicadas em jornães déssa época, composições de fraco merecimento, como estrêas, que deviam sêr.

A primeira é datada de S. Luiz do Maranhão, em 25 de setembro de 1862, intitula-se *Maldição*, significada num queixume amorôso, e compõe-se de cinco quadras, de que destacamos a terceira:

Amava-te tanto que até em meus sonhos,
Mui bella eu te via a meu lado sorrir;
Agora, acordado, mal posso encarar-te,
E quero p'ra sempre medrôso fugir.

A segunda, marcada com a data de 24 de outubro seguinte e o título *Não creio*, tem entre seis estrofes esta quadra:

Não creio nas galas, que os ricos inventam,
Se nellas ostentam vaidosos preceitos;
Bemdigo os andrajos, que nunca infamados
Se viram, calcados, ao crime sujeitos.

A terceira, escrita no Ceará, a 10 de março do anno immediato, 1863, no album de uma senhôra, e em número egual de quadras, termina assim:

Perdôa, senhôra, se fui arrojado,
Tentando nêste album meu nome traçar,
Perdôa-me, sim, que por Deus eu te juro
Não mais outra fôlha de negro manchar.

Da metrificação uniforme se deduz a simpatia, que o autôr dedicava ao musicalíssimo verso de arte maior, em verdade preferivel ao seu vizinho, o prosaico alexandrino, e muito usado na época.

Costa Lima, por último, dera preferencia ao cultivo da fotografia; e, com o primeiro pecúlio, que juntou, fêz uma viagem á Europa, com o fim especial de ir, como foi, a Paris estudar essa especialidade.

De volta desta cidade, tencionava o fogôso mancêbo visitar sua mãe, de quem nunca se esquecêra, e a terra, que lhe fôra bêrço.

Os recursos porêm iam em debandada, e êlle, quando deu por si só têve tempo de ir tomar ao Havre um vapôr do Brazil, e regressar ao Maranhão, onde fundou o seu primeiro estabelecimento fotográfico.

Organisadôr de mil projectos, emprêzas e fantasias, enamorado e saudôso da sua primeira viagem européa, logo que arranjou dinheiro, realizou nôvo passeio, a que se seguiram outros, sempre que a moeda abundava.

De tôdas as vêzes, quando o nosso viajante aportava de nôvo ás praias de alem-mar, certo era que o dinheiro escasseara, e tanto, que até de uma vêz essa falta lhe serviu de verdadeiro reclamo.

Fôra o caso que êlle, ao recebêr a bordo do navio, que o conduzira, alguns amigos e afeiçoados, que lhe louvavam a bôa aparencia de saude, metendo as mãos nos bolsos, onde só restava uma moeda de cinco tostões, exclamara, erguendo ao ar êsse fraco resto de maior quantia:

— De côrpo não vamos mal; agora de dinheiro... é o que vocês estão a vêr... uma pobrêza franciscana. E vejam lá... não se esqueçam de mim.

Não foi preciso mais. No dia seguinte, a foto-

grafia enchia-se de freguêzes, que precisavam, e não precisavam de retratos, e o dono da casa, muito popular e credôr de fundas simpatias, realizava um excellente negocio, e não podia dar vasão a tôdo o trabalho, que acorrêra.

Na viagem de 1863, visitou êlle, pela primeira vêz, a terra natal, e gosou bastante com a recordação das scenas da sua creancice.

Costa Lima, apesar das suas rapaziadas, vida libérrima, volubilidade caracteristica e mais predicados, era, e foi sempre, muito cortêz e delicado com as mulheres.

Admirando com olhos de vêr e cobiçar as raparigaças carnudas e sadias da sua terra, dedicou a uma dellas mais simpatia, e, sempre que a encontrava, dirigia-lhe amabilidades e caricias, muito ao de leve, cortêzmente.

A cachopa porêm dava pouca corda; quando muito, quedava-se a derriçar o avental com os dentes, mâs não tugia nem mugia.

Lima queixou-se do caso, muito espantado, mâs viu que a pessôa, com quem falara, lhe ria nas bochêchas.

— Você, não tem geito nenhum Isso não se faz assim. Se quizer cativar o agrado da moçôila...

— Por simples curiosidade, mero estudo..

— Seja pelo que fôr. Quando ella estiver á sua beira, fale-lhe, e toque-lhe á moda da terra.

— Tocar-lhe eu...

— Sim, sim. Palavra puxa palavra... uma palmada nas costas... uma cotovelada... um empuxão...

— Amôr aos bofetões pelo que vejo...

— Pois que mais? E adeusinho, que se faz tarde.

— E o caso foi — contava Costa Lima, com o costumado chiste — que eu não precisei de mais lições. Numa tarde encontrei a rapâriga num olival deserto; falei-lhe galhofeira e lorpamente, e fui-me chegando pâra ella, que descansava as mãos nos quadris roliços, tendo os braços em arco; em seguida a uma graçola, assentei-lhe valente palmada nas costas, concluindo:

— Ah! *sôra Mar'quinhas*! que eu ando derretido por êsses olhos, que parecem repôlhos.

E zás! um empurrão!

— Ora o dianho do *sôr Janzinho* sempre tem coisas!

«E riu muito, avançando e recuando, como que a pedir mais. Não me fiz rogado; e, falando e rindo tambem, aplicava-lhe um forte beliscão a um braço, e recebia em troca um murro amoravel, que me ia deitando a terra. D'ahi a instantes rebolcavamo-nos os dois sôbre a relva do olivêdo, sovando-nos recipocramente, com grande fôrça e afabilidade.

A recordação desta e de outras scenas campesinas serviu mais tarde pâra a urdidura de uma comedia original, de que a seu tempo nos ocuparemos.

(Continúa) *Sanches de Frias.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO III

> Morrer o que é? Nada Mas o que vale viver com o coração fechado n'um tumulo?
>
> CHATEAUBRIAND.

> As grandes paixões nascem do amor; mas vão dar á morte.
>
> ARSÈNE HOUSSAYE.

I

GONDOLEIRO E FLORISTA

Como bem devem comprehender, meus caros amigos, tomei logo o caminho de Veneza. Por descargo de consciencia parei em Fontainebleau, mas dizia-me o coração que ella não estava ali. Tres dias depois apeava-me na Pazietta.

Logo que cheguei procurei o gondoleiro de Meissonnier, que é o verdadeiro reporter de Veneza.

— O que! disse elle, pois volta aqui sósinho! Logo vi que não tinha tornado a ver Violante. Dei-lhe vinte francos para que fosse discreto quanto á minha chegada e mais vinte francos para que fosse indiscreto sobre a alta sociedade de Veneza, crendo por ahi achar novas da formosa fugitiva.

Poz-se em campo, mas nada soube. O barulho que ella fizéra em Paris teve seu echo nos palacios de Veneza, mas ninguem a tornará a ver. Dei ainda vinte francos ao meu gondoleiro para que fosse a casa do velho Bernardo. O guarda do palacio Riminio arrancava os cabellos por não ver regressar a sobrinha. Não só fôra a alegria do palacio, mas fôra para elle a riqueza. Quantos visitantes davam um luiz ou pelo menos cem soldos que não teriam dado mais que uma ou duas liras!

— Ha ainda alguem a quem perguntar, é ao Antonio, porque decerto já voltou de Paris.

— Desgraçado! dizia o gondoleiro Quem voltou foi a sombra d'elle; o pobre diabo ha de morrer da traição da namorada.

— Traição não houve; Violante podia dispor do coração.

— Podia, mas promettera-lhe a mão.

Nada de novo soube por esse lado do Antonio. Não desistia elle da esperança de ver Violante regressar Duas ou tres vezes por semana ia até ao desembarque, mas voltava sempre desesperado.

Esquecera-me de interrogar sr.ª Lucrezzia. Foi ella quem sobretudo me deu noticias de Antonio; embora pouco me dissesse que eu não soubesse já.

Emquanto eu tomava um gelado no café Floriano, veio alegremente ter comigo:

— O quê, o senhor, em Veneza!... E sósinho!

— Sim e não. Não viu Violante algum dia d'estes?

— Não vi.

— E Antonio? perguntei. Que é feito d elle?

— Antonio, senhor!... Que contos tão largos!

— Diga.

— Escute. Umas semanas depois da vossa partida, Antonio, melhor ou peior curado, saiu do hospital. Encontrei-o para os lados do Arsenal e falei-lhe. Disse-me que a sua vida era perdida, pois que Violante o abandonára, mas que precisava continuar a fazer economias para comprar a casa pequenina em que Violante fôra criada; a tal que sabe, senhor, no monte Herma, para os lados de Padua. Perguntei-lhe porque tinha essa ideia.

«— Promettera-lh'o, disse, e máo grado o seu abandono, quero cumprir a promessa. E depois, tive um sonho: sonhei que havia de morrer nos braços d'ella, ali, na pequenina casa da montanha.

— Quem sabe? Talvez ella volte a mim.

«— Não creio, disse-lhe. O que Paris apanha sabe guardal-o.

«— Pois bem, viverei sósinho, emquanto a espero. Serei fiel ás saudades d'ella até á morte.

«Depois, de repente, levado pela loucura, foi-se até Paris, d'onde mais doido voltou. Raras vezes mais o viram. Entretanto conserva a gondola, mas tres quartas partes do tempo está na montanha. Persegue-o sempre o mesmo sonho e espera cheio de confiança a bella fugitiva.

— E pensa que elle tem razão? perguntei a Lucrezzia.

— Olhe, senhor, lá em cima ha um livrinho para cada um de nós, onde Nosso Senhor já escreveu a nossa historia. Nenhum de nós, nem os mais sabios, o poderão ler, mas o que está escripto ha de ser. Não é impossivel que o Antonio veja o sonho realisar-se.

— Duvido, disse; se Violante volta a Veneza não será por causa do gondoleiro.

— E as saudades, senhor? O primeiro amor tem raizes profundas no coração. E depois as mulheres são filhas d'Eva. Depois de ter provado da felicidade parisiense, talvez Violante queira provar da felicidade da montanha. Depois do fructo prohibido o permittido é melhor.

Interromperam Hauteroche.

— Essa florista de Veneza era um profundo philosopho, disse Mario.

— Como toda a mulher que viveu muito, respondi.

— E sem duvida como todas as floristas, accrescentou Baccarat. Perguntem á Isabel que ali vejo á porta do Petit-Moulin-Rouge.

Hauteroche continuou sem reflexões, todo entregue ás saudades:

(Continúa).

Sociedade Portugueza de Beneficencia no Rio de Janeiro

Foi para mim agradabilissima a leitura do Relatorio do presidente da Real e Benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia no Rio de Janeiro, Sr. Visconde de Avellar.

Devo á deferencia particular do meu amigo John George, o ensejo da posse d'um exemplar do referido trabalho, apresentado pelo dito titular em assembléa geral, no mez de fevereiro do anno corrente.

A Sociedade Portugueza de Beneficencia, é deveras um padrão formosissimo do sentimento nacional, que os filhos da nossa terra souberam erguer na patria brazileira, para conforto na doença, de portuguezes que lá se acolhem.

E, ao mesmo tempo que a vista exterior do vasto edificio em que se acha installada, traz logo á mente a idéa do berço natal e das côres da bandeira de Ourique e de Coollela, no interior d'aquelle recinto de generosidade encanta e deslumbra na sua divinal fragrancia a fina flôr da caridade.

Só em donativos no biennio de 1896 a 1898, correspondente ao periodo da presidencia do Sr. Visconde de Avellar, regista o relatorio a enorme somma de 332:085$910 réis!

Quantia espantosa, apenas egualavel á altura psychica da benemerencia que encerra!

A este respeito, diz o illustre auctor do documento a que alludo: «Tão eloquente é esta somma, que me dispenso de accrescentar uma só palavra, pois por mais que vos dissesse, fracas seriam as expressões que empregasse para traduzir o que ella significa de beneficio para a nossa instituição e de gratidão para nós, que deve ser compartilhada por todos os que pertencem á nossa benemerita Sociedade.»

Não é exclusivamente como hospital de enfermos que esta instituição tem logrado assumir no Rio de Janeiro o caracter de culto venerado, a sua interferencia evangelica estende-se ainda até ás despezas de enterros de desvalidos da colonia e de embarque de indigentes anciosos de regressar aos lares da infancia.

E quem não sabe isto em Portugal? quem ha ahi, que não tenha ouvido algum desgraçado contar com as lagrimas nos olhos a ordem de auxilios de que se confessa devedor á Sociedade Portugueza de Beneficencia?

Eu, para não o ignorar, tenho já testemunho largo de factos authenticos, na narrativa singella e espontanea de muitos infelizes, os quaes, sem o desvéllo da sua caridade, teriam penado longe da patria os ultimos males da sua miseria e iriam dormir um somno de morte na valla commum d'um cemiterio estranho. São honrosas na elevação da linguagem e no eloquente sentir de que dão fé, os preitos de homenagem rendidos no livro dos visitantes e transcriptos no circumstanciado relatorio.

Vou extractar para aqui tres de semelhantes trechos, pois não quero privar os leitores de aprecial-os como elles merecem:

«O Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, que acabo de visitar e com muita satisfação, é um estabelecimento que honra a colonia portugueza que o fundou e que o mantém Faço sinceros votos pela prosperidade de uma Sociedade que ergue tão grandioso templo á Caridade. Rio, em 25 de Setembro de 1898. — *Prudente José de Moraes e Barros*, Presidente da Republica.»

«Lamour lointan de la Patrie est confus dans cet immense temple de la Charité. 26 Septembre 1897 *A. Vimenem*.»

«Con vera ammirazione ho visitato la Reale Società Portochese di Benificenza.

Vera gloria dei figli di questa generosa nazione ed exempio di patriotismo e carità al collectività straniere. 2 Otrobre 1898. *Conde Antcnelli*.

No *Parecer da Commissão de Contas*, de que era membro o dr. Sebastião Centeno, nosso consul na capital do Brazil, destacam-se estas palavras realmente significativas e que deverão ter enchido de summo agrado o coração do sr. visconde de Avellar: «...., cumpre notar que, graças á perseverança, zelo e esforços ingentes da illustre Directoria, o patrimonio social augmentou real e effectivamente, no biennio findo, em 308:990$160 réis».

Está affirmação cathegórica estabelece com propriedade bases seguras para se formar juizo da boa administração que ha tido até agora o excellente fructo da caridade portugueza n'aquellas paragens distantes, aonde Cabral implantou um dia a bandeira da Cruz, pharol santo da civilisação dos povos.

D. Francisco de Noronha.

CONCERTO DE VICTOR HUSSLA

VICTOR HUSSLA

O sr. Victor Hussla realisou mais um dos seus notaveis concertos, no salão da Trindade, em a noite de 25 de abril ultimo.

O sr. Victor Hussla é já vantajosamente conhecido na sociedade de Lisboa para onde veiu ha annos, onde deu a conhecer o seu grande merito artistico nos concertos da *Real Academia de Amadores de Musica*.

Nascido na Allemanha onde a arte da musica tem o maior culto, o sr. Victor Hussla teve uma educação musical completa e fez-se um violinista distincto, como professor eximio e compositor inspirado.

As *Rhapsodias Portuguezas* feitas de musicas populares engenhosamente combinadas pelo illustre professor, são uma das provas do merito artistico do sr. Hussla. *O cantico das vagas;* marcha *In memoriam; Suite portugaise*, são composições notaveis que conhecemos, além de outras feitas em Allemanha e que constituem bagagem importante do sr. Hussla.

O ultimo concerto foi mais uma affirmação do alto merecimento do illustre professor, mais um triumpho.

Tomou parte importante n'este concerto, dirigindo a orchestra, com a proficiencia e gosto que todos reconhecem o sr. D. Fernando de Sousa Coutinho, duas vezes illustre pela nobreza de familia, e pelo culto da arte de que é um dos mais distinctos amadores.

D. FERNANDO DE SOUSA COUTINHO

O culto da musica é tradicional na nobre familia dos Condes de Redondo, e ainda muitos se lembrarão das noites passadas no palacio de Santa Martha, onde o sr. marquez de Borba reunia os primeiros professores do tempo e se faziam concertos, em que tomavam parte o nobre marquez, os marquezes de Castello Melhor e de Tancos, conde de Lumiares e outros amadores distinctos.

O sr. D. Fernando de Sousa foi educado n'este meio e teve por seu primeiro professor de musica o mestre de Capella José Maria Sabater e depois Francisco Caetano Castilho e José Gazul por professores de flauta.

O discipulo honrou os mestres porque o sr. D. Fernando de Sousa distinguiu-se superiormente como flautista, tomando parte na orchestra das sempre lembradas festas do Conde de Farrobo, nas Larangeiras.

A sua paixão pela musica não tem esmorecido, como prova a grande dedicação que tem pela arte, tendo sido um dos fundadores da *Real Academia de Amadores de Musica* e dos que, com maior enthusiasmo se tem dedicado aos progressos e desenvolvimento d'esta util instituição.

E' o sr. D. Fernando de Sousa Coutinho que, na impossibilidade do sr. Hussla, dirige sempre a orchestra da *Real Academia de Amadores de Musica.*

Possue o illustre amador preciosos originaes dos mais notaveis compositores portuguezes, como Marcos Portugal, Frei José Marques, Soares, Baldy, Leal Moreira, Santos Pinto e Casimiro, os quaes foram justamente apreciados na exposição de Milão de 1881 com mensão honrosa e na exposição de Lisboa de 1888, com medalha de ouro.

O sr. D. Fernando de Sousa tem-se dedicado ultimamente á violeta, tocando este difficil instrumento de modo superior.

O concerto do sr. Hussla que deu motivo a estas breves linhas, deixou deliciosa impressão a todos que a elle assistiram.

Recebemos e agradecemos:

Rivista politica e litteraria. — *Anno terzo — Volume VII — Fasciculo I. — Aprile 1899. — Roma.*

Esta importante revista romana encetou com o presente numero o seu 3.º volume. Entre os artigos que insere, não podemos deixar de distinguir um relativo aos caminhos de ferro da Rhodesia, em que se descreve lucidamente esta região da Africa Oriental e se allude aos caminhos de ferro portuguezes de Lourenço Marques, Ambaca, etc. Inspirou-se o seu auctor na recente viagem feita por Cecil Rhodes á Allemanha e dos seus projectos de caminhos de ferro.

Como facilmente se imagina, o artigo, sendo escripto n'uma revista de Italia, que a respeito de questões africanas não é das menos insuspeitas, parece comtudo desapaixonado e elucida muitissimo sobre o desenvolvimento da colonisação da Africa por meio de caminhos de ferro, e instrue bastante sobre a região da Rhodesia.

Egualmente distinguiremos o artigo illustrado relativo á pintura hespanhola, que é um seguro e magnifico estudo.

Diccionario de technologia aduaneira *para Portugal e Brazil — por José Augusto da Silva Sampaio, terceiro verificador das alfandegas. — Lisboa — Imprensa Nacional. — 1898.*

Acha-se já publicada até ás cadernetas 53 e 54, esta importantissima obra, cuja utilidade bem manifesta escusamos de encarecer, pois que contem a definição de todas as mercadorias, sua synonimia, propriedades e caracteres, composição, processo de fabrico, de preparação, applicações, alterações e falsificações, regimen pautal portuguez, brazileiro e dos principaes paizes estrangeiros, notando ainda todas as resoluções officiaes respeitantes á classificação pautal, etc.

Trabalho de inquestionavel merecimento veiu preencher uma grande lacuna, pois que um livro de semelhante genero se tornava necessario e indispensavel ao commercio e á industria, que devem conhecer o processo de analyse das mercadorias e seu trafico. Aos funccionarios das alfandegas o *Diccionario de Technologia Aduaneira* presta-lhes muito especialmente proveitosissimo ensinamento.

Por todos estes motivos mereceu a nossa obra, não só um lisongeiro apreço do publico, como tambem a plena approvação da Associação Commercial de Lisboa, do Centro Commercial do Porto, da Associação Industrial Portuense, etc., etc.

A edição é feita em muito bom papel, magnifica impressão, sendo todo o trabalho feito na Imprensa Nacional. Na empreza do *Occidente* encontra-se aberta a assignatura d'esta utilissima obra aos fasciculos de 32 paginas, formato grande, ao preço de 100 réis.

A monte *(prosas de campo) por Antonio Pena. — Lisboa, Livraria Ferreira. — 1899.*

Os contos, esse genero encantador da prosa romantica, bucolica, e de outros estylos, ha de ser sempre um genero festejado. Desde as parabolas antigas, das fabulas e de outros escriptos congeneres, que os contos, esses pequeninos romances, mas sem a prolixidade d'elles, teem sido muito apreciados.

E esse apreço redobra n'aquelles que fogem dos enredos emaranhados, dos lances dramaticos, que os obrigam a uma enorme contensão de espirito, incompativel com as circumstancias de tempo e coração.

Contos simples, de reduzida extensão, mas todos de interesse, são os que se encontram no livro *A monte*, possuindo assim os mais apreciaveis requisitos para o considerarmos de uma leitura suave, agradavel e deleitante.

Umbrano — *Elegia por Dom Thomaz de Noronha. Illustrada por Antonio Augusto Gonçalves, Lisboa, 1899.*

N'um elegantissimo fasciculo de trinta paginas de aprimorada edição se publicou ha pouco a sentida e suavissima elegia *Umbrano*, delicada composição do nosso illustre amigo D. Thomaz de Noronha. O extraordinario sentimento do poemeto eleva-o ás mais altas regiões da poesia elegiaca e parece que o faz rescender aquelle dulcissimo perfume dos floridos vergeis do Mondego, que tanto inspira os seus cantores.

Vive alli tão intensa a saudosa memoria do poeta de Ignez, que ainda hoje, sem querer, lhe repetem a cadencia do cantico, os poetas de Coimbra. Tambem D. Thomaz de Noronha distingue na fresca fronte:

«Lindos cantos ás aves ensinando;»

«e chamando pelos seus amores.

«Só o echo da fonte respondia.»

Umbrano é o dolorido pastor que deplora a morte d'aquella cuja memoria o sustenta e a quem diz:

«Eras a aurora destes campos cheios
«De verduras, de flôres, de nebrinas,
«De frautas pastoris e de gorgeios.»

E pedindo ás parcas o termo das suas dôres se despede dos seus

...«, amados cordeirinhos
«A quem Jupiter deu olhos de prece
«E lá mais alva do que os alvos linhos!»

Por fim, declara:

«Morrer junto da cova, na vertente,
«Onde o gado se queda sem pastor,
«E o unico desejo que inda sente...

«Quem da sorte provou tal desamor
«Na dureza do teu cruel engeito,
«Que ficou... arrimado á sua dôr.

«A mandar-te os suspiros do seu peito!...»

O extranho sentimento de que toda esta elegia está cheia, as brandas queixas que d'ella se escapam, as formosissimas imagens que offerece, dão-lhe um tão suave sabor, uma melancholia carinhosa que infunde saudade e magoa.

O seu talentoso auctor conquistou pois, com justiça, mais o titulo de inspirado poeta elegiaco.